

LOS OTROS CUENTOS: RELATOS DEL SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS – UMA LEITURA À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS

*LOS OTROS CUENTOS: RELATOS DEL SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS
– UNA LECTURA A LA LUZ DE LOS DERECHOS HUMANOS*

LOS OTROS CUENTOS: RELATOS DEL SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS – AREADING IN THE LIGHT OF HUMAN RIGHTS

*Claudio Rodrigues da SILVA*¹

Resumo: Neste texto, resultante de pesquisa documental e bibliográfica, tem-se como objetivo apresentar reflexões, de uma perspectiva da Educação, sobre os dois volumes de *Los otros cuentos: relatos del Subcomandante Insurgente Marcos*, à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos e de bibliografia atinente a essa temática. Considera-se que *Los otros cuentos* abordam questões consoantes e/ou passíveis de estabelecimento de nexos com a temática dos Direitos Humanos. Essas obras contribuem para a problematização e para a difusão, em clave literária e crítica, de diversos elementos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e, por conseguinte, para o processo de (auto)educação dos zapatistas, bem como de outros setores das classes trabalhadoras.

Palavras-chave: Educação; Direitos humanos; Zapatismo; Literatura.

INTRODUÇÃO

No entendimento de Candido (2011, p. 197), “Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.”

A literatura, para esse autor, assume uma acepção abrangente:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 176)

¹ Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Parnaíba. Parnaíba. Mato Grosso do Sul, Brasil. Email: silvanegrao@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9036-3101>
<http://doi.org/10.36311/1519-0110.2021.v22n1.p63>

Como um quesito imprescindível de humanização que contribui para confirmar no homem a sua humanidade, a literatura configura-se, para esse autor, como um direito humano, destacando-se pelo seu potencial instrutivo e educativo:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. (CANDIDO, 2011, p.177)

Partindo dessa perspectiva, considera-se que há relações necessárias entre a literatura, os momentos históricos e as sociedades nas quais as obras são produzidas, assim como entre os posicionamentos sociais e os objetivos de quem as produz.

A temática dos Direitos Humanos – não sem contradições e desafiadoras condições adversas – tem conquistado, de maneira processual, tanto em âmbito nacional quanto internacional, maior espaço na área acadêmica, o que resulta, para além da dimensão mais quantitativa, na diversificação de temáticas abordadas de forma imbricada com os Direitos Humanos. Dentre essas temáticas está a interface entre literatura e Direitos Humanos. Várias produções, acadêmico-científicas ou não, tratam, partindo de diversas perspectivas e com diferentes objetivos, dessa interface, como, por exemplo, Mascaro (2011), Pereira e Cavalcanti (2019), Pires e Menon (2019), Schneider (2017), dentre outros.

Partindo do entendimento da literatura como Direito Humano, tem-se como objetivo, neste texto, apresentar, de uma perspectiva da Educação em sentido *lato* desse termo, reflexões sobre elementos presentes em *Los otros cuentos: relatos del Subcomandante Insurgente Marcos* (MARCOS, 2015a; 2015b), considerados, da perspectiva deste texto, consoantes e/ou passíveis de estabelecimento de relações com a questão dos Direitos Humanos.

A pertinência deste estudo deve-se principalmente aos temas e sujeitos implicados nessas obras. Destaca-se a relevância das temáticas educação e Direitos Humanos (CARDOSO, 2013, KLEIN; TORRES; GALINDO, 2019), (auto)educação e movimentos sociais (LOUREIRO, 2019, SILVA; DAL RI, 2019), bem como Zapatismo e Direitos Humanos (JIMÉNEZ RAMÍREZ, 2000, SANTOS, 2008, SOLANO, 2014, VELASCO YÁÑES, 2005).

Na conjuntura atual, em que se intensificam os ataques aos Direitos Humanos e aos seus defensores, tanto em âmbito nacional quanto internacional, estudos sobre essa temática tornam-se ainda mais prementes², inclusive porque, segundo Cardoso (2013, p. 8),

² Historicamente os Direitos Humanos são, por um lado, alvo de ataques diversos de frações reacionárias ou mais conservadoras das classes dominantes; por outro lado, são objeto de questionamentos e/ou de desqualificação por

[...] os direitos humanos são conquistas históricas e por isso estão em contínuo processo de ressignificação cultural no tempo e no espaço. Para que eles se ampliem e se efetivem, como referência ética de hoje e das futuras gerações, há necessidade de os direitos humanos serem objeto de constante reflexão histórico-crítica; como também divulgados, protegidos e vivenciados a cada dia.

Ressalta-se, ainda, a relevância do movimento social ao qual pertence o Subcomandante Insurgente Marcos, isto é, o Zapatismo contemporâneo³, reconhecido em âmbitos nacional e internacional pelas suas iniciativas de autonomia, de autogoverno, de autoeducação e de resistência antissistêmica (AGUIRRE ROJAS, 2012, BARBOSA, 2015, BASCHET, 2017, DAL RI, 2017), bem como a relevância das produções literárias do autor em referência, investigadas a partir de diferentes perspectivas e por autores de diversos países (ARAÚJO, 2011, BAGNOLI, 2019, CASMIRO GALLO, 2020, HILSENBECK FILHO, 2013, NASCIMENTO, 2003, PALLEIRO GONZÁLEZ, 2018, SERRATO SÁNCHEZ, 2013, TEIXEIRA, 2017, VITALI, 2015).

Este estudo envolveu a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica.

Los otros cuentos foram escolhidos haja vista a sua relevância no conjunto das produções literárias do Subcomandante Insurgente Marcos e também por estarem entre as suas produções mais recentes. Como enunciado, enfatizaram-se desses contos, sem a pretensão de esgotar o tema, elementos considerados consoantes e/ou passíveis de estabelecimento de nexos com os Direitos Humanos. Para isso, analisaram-se os contos em referência à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos, da Organização das Nações Unidas (ONU) (ONU, 1948), e de bibliografia atinente a essa temática.

Destaca-se que essa interface – associações, relações, remissões, dentre outros – é uma iniciativa do autor deste texto, não havendo, nos contos analisados, menções expressas aos Direitos Humanos ou à Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assim, os apontamentos decorrentes dessa interface são possibilidades aventadas pelo autor deste texto. Porém, como apontado mais adiante, diversos documentos do Zapatismo apresentam menções diretas e/ou passíveis de inter-relações com os Direitos Humanos.

frações das classes trabalhadoras. A apresentação dos Direitos Humanos como mera ideologia burguesa ou como mero componente da cidadania burguesa é recorrente entre setores da academia, posicionamento esse que implica incorrer ou resvalar em abordagens que desconsideram as contradições e as disputas levadas a termo pelas diferentes classes sociais e por suas frações em torno dessa questão. Destaca-se que organizações e movimentos sociais antissistêmicos recorrem, direta ou indiretamente, aos Direitos Humanos e a outros elementos considerados inerentes à cidadania ou à ideologia burguesa, não como estratégia, mas como tática, para fundamentar, em termos ético-políticos, suas lutas sociais, inclusive para consecução de seus móveis, imediatos ou mediatos, e também como uma forma de tensionar e denunciar os limites das promessas burguesas.

³ Neste texto, em consonância com seus documentos, esse Movimento é apresentado como Zapatismo ou Zapatista. No entanto, alguns autores, como, por exemplo, Aguirre Rojas (2017), fazem menção a ele como Neozapatismo ou Neozapatista, visando, com essas terminologias, a distinção entre o Zapatismo contemporâneo e o Zapatismo primevo, do início do século XX, que teve entre as suas principais referências Emiliano Zapata (SILVA, 2019).

1. *LOS OTROS CUENTOS*: APONTAMENTOS INICIAIS

O autor das obras em tela neste texto, Subcomandante Insurgente Marcos, pertence ao Zapatismo, um movimento antissistêmico composto majoritariamente por indígenas camponeses e que se tornou internacionalmente conhecido em 1994, quando do Levante Zapatista, uma insurreição armada levada a termo no primeiro dia desse ano em diferentes municípios de Chiapas, unidade federativa do México situada na fronteira com a Guatemala (AGUIRRE ROJAS, 2012, SILVA, 2019). Nesse histórico ato, o Movimento tornou pública a Primeira Declaração da Selva Lacandona, na qual, além das motivações desse levante, os zapatistas apresentaram as suas demandas, que atualmente são: trabalho, terra, moradia, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça, paz, cultura e informação (EZLN, 1994a, SILVA, 2019).

O Zapatismo tem as manifestações artístico-culturais, por conseguinte, a literatura, como um quesito integrante do cotidiano das suas comunidades e que tem inter-relações com suas atividades políticas, econômicas e culturais.

Entretanto, para além do ordinário cotidiano, o Zapatismo dedica também momentos específicos para essas manifestações, tais como, festividades tradicionais e solenidades cívicas, como, por exemplo, as comemorações dos aniversários do Levante Zapatista, nos dias 1º de janeiro, e da fundação do *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* (EZLN)⁴, nos dias 17 de novembro, e especialmente durante o festival zapatista de arte, qual seja, o CompArte.

Hilsenbeck Filho (2017, p. 89-90) entende que o I Festival CompArte pela Humanidade “[...] pode ser percebido como aglutinador – mas também criador – de um conjunto de representações sobre a política contemporânea e suas formas de expressão, com uma linha política demarcada desde baixo e à esquerda.” Ainda, conforme esse autor,

Não por acaso, os zapatistas realizaram em julho de 2017 a segunda edição do CompArte pela Humanidade, e também lançaram questões e convocatórias para um evento de arte virtual, ou melhor, a edição virtual do CompArte pela Humanidade: ‘Contra o Capital e seus muros, todas as artes... também as cibernéticas’. Destas iniciativas, abrem-se novos horizontes e caminhos nesta junção entre um movimento político e as mais variadas formas de artes. (HILSENBECK FILHO, 2017, p. 89-90)

Para Martínez Gonzáles (2018, p. 1, tradução nossa),

⁴ O EZLN é a fração armada do Movimento Zapatista, composto majoritariamente por civis. O EZLN apresenta-se, paradoxalmente, como a guerrilha mais pacífica do mundo. Os zapatistas declaram que o recurso às armas foi a última alternativa para que os indígenas fossem vistos e ouvidos no México (SILVA, 2019).

O CompArte significou, precisamente, compartilhar as práticas criativas, o fazer dos ‘artistas’ para transformar o mundo. Assim, os zapatistas assumiram a tarefa de conceber e realizar obras majoritariamente coletivas, entre a montanha e a selva, para participarem deste encontro internacional. Um dos objetivos principais consistiu no combate frontal da criação contra a destruição, para mostrar que outro mundo e outro tipo de relações sociais entre os atores da história são possíveis.

O Zapatismo, no entendimento de Aguirre Rojas (2017, p. 30, tradução nossa), inova, com “[...] uma arte e com uma ciência muito diferente, entre muitos outros exemplos possíveis”, assim como na educação, na saúde e em outras áreas da autonomia zapatista.

A literatura também tem o seu espaço garantido no cotidiano zapatista. Segundo Hilsenbeck Filho (2017, p. 81),

[...] o Exército Zapatista recorreu ao manejo intensivo e criativo da literatura como elemento político de urgência e resistência, como forma de romper as barreiras de uma censura que se faz invisível [...]. Em seus escritos, percebe-se a transposição do cotidiano, das vivências, dos ideais e objetivos que os movem para um formato comunicativo literário, auxiliando na compreensão de táticas e estratégias de luta. Podemos denominar a literatura zapatista como um grande leque de manifestos, contos, poemas, cartas, pós-escritos e análises políticas em que se cruzam lendas, fatos históricos e cotidianos, personagens, pensamentos e estratégias políticas.

A literatura zapatista tem como expoente as obras do Subcomandante Insurgente Marcos, um dos precursores do EZLN, fundado sem nenhuma cerimônia especial, na primeira metade dos anos 1980, em algum lugar da Selva Lacandona, sudeste mexicano (EZLN, 2003).

O Subcomandante Insurgente Marcos integrou o *Comité Clandestino Revolucionario Indígena – Comandancia General* (CCRI) do EZLN, exercendo inclusive a função de porta-voz, o que lhe propiciou ampla visibilidade, nacional e internacional, haja vista a sua estratégica atuação nesse Movimento, bem como a sua exposição midiática, desde o início do Levante Zapatista. Em 2014, por decisão do Movimento, o Subcomandante Insurgente Marcos simbolicamente deixou de existir e a pessoa que até então era denominada Marcos assumiu simbolicamente a identidade de Subcomandante Insurgente Galeano, mudança essa que não se resumiu ao nome, mas resultou também em alterações em termos de atribuições na estrutura do Movimento (EZLN, 2014, SILVA, 2019)⁵.

⁵ Há polêmicas sobre a identidade oficial, isto é, sobre os dados constantes nos registros governamentais da pessoa – ou do cidadão mexicano – que se tornou o Subcomandante Insurgente Marcos. Todavia, trata-se de um assunto que foge ao objetivo deste texto. Inclusive por esse motivo, bem como pelo fato de o Movimento e esse Subcomandante apresentarem

Subcomandante Insurgente Marcos é autor e coautor de diversas produções literárias, publicadas em vários países e traduzidas para diferentes línguas. Dentre essas produções destacam-se *Los otros cuentos*, abordados neste texto.

Viejo Antonio, Durito e Doña Juanita, mencionados neste texto, são algumas das personagens das produções literárias desse autor. Assim como as temáticas dos contos, as suas personagens têm relação com a história ou com o cotidiano zapatista. Barbosa (2016), baseando-se em Jan de Vos, um estudioso dos povos de matriz Maia, diz que o Viejo Antonio era um camponês que realmente existiu⁶.

Los otros cuentos é uma publicação de iniciativa de *La Red de Solidariedad con Chiapas* (LA RED), organização que tem sede em Buenos Aires, capital argentina. Essa publicação ocorreu com anuência expressa de autoridades autônomas zapatistas.

Essas obras, que contabilizam várias edições e foram traduzidas para diferentes línguas, são compostas por 2 volumes. O primeiro volume totaliza 12 contos, e o segundo 16. Essas obras foram publicadas nos suportes impresso (em papel) e audiolivro (em DVD). Destaca-se o potencial de acessibilidade do audiolivro, pois há pessoas, especialmente adultas ou idosas, além de crianças em idade considerada não escolar, não alfabetizadas em língua espanhola nos territórios autônomos zapatistas e suas imediações, e esse suporte possibilita a difusão dos contos na modalidade oral, inclusive por intermédio das rádios rebeldes ou em resistência.

Nessas obras são apresentadas diversas imagens, como, por exemplo, reprodução de tela de Beatriz Aurora, uma pintora radicada em San Cristóbal de las Casas/Chiapas, fotos do cotidiano, de eventos, de territórios e instalações zapatistas, com destaque para os recorrentes murais, uma tradicional manifestação artístico-cultural mexicana.

Os contos dos audiolivros são narrados por personalidades com posicionamentos sociais contra-hegemônicos, simpatizantes/apoiadoras do Zapatismo ou aderentes à Sexta Declaração da Selva Lacandona, um dos principais documentos de abrangência nacional e internacional do Zapatismo (SILVA, 2019). Alguns contos são narrados pelo próprio autor, ou seja, o Subcomandante Insurgente Marcos.

Apresentam-se, a seguir, quadros com os títulos dos contos, bem como os respectivos narradores no suporte audiolivro dos volumes 1 e 2.

críticas a uma espécie de personalismo em torno da figura e/ou do protagonismo de Marcos nas lutas zapatistas, evita-se a ênfase em aspectos biográficos desse autor, assunto sobre o qual há farta bibliografia disponível.

⁶ Foge ao escopo deste texto discorrer sobre detalhes dos perfis dos personagens das obras do autor em referência.

Quadro 1 – Títulos e nomes dos narradores dos contos do Volume 1

Títulos	Narradores
1. Sueña el Viejo Antonio	Nora Cortiñas
2. La historia de los otros	Manuel Callau
3. La historia de Durito	León Gieco
4. La historia del león y el espejo	Julieta Díaz
5. La historia del ruido y el silencio	Daniel Viglietti
6. Siempre y nunca contra a veces	Liliana Daunes
7. La historia de las miradas	Eduardo Galeano
8. El león mata mirando	Daniel Fanego
9. La historia del aire de la noche	Gastón Pauls
10. La historia del ratoncito y el gatito	Eduardo Nachman
11. La historia de la espada, el árbol, la piedra y el agua	Juan Palomino
12. Los de después sí entendimos	Alba Lanzillotto

Fonte: Elaboração pelo autor, com base em dados da obra em referência (MARCOS, 2015a)

Quadro 2 – Títulos e nomes dos narradores dos contos do Volume 2

Títulos	Narradores
1. El tercer hombro	Mirta Israel
2. El yo y el nosotros	Félix Díaz
3. La historia de los hombres y mujeres de maíz	Subcomandante Insurgente Marcos
4. La palabra rendirse no existe en lengua verdadera	Asamblea de vecinos/as autoconvocados/as de Esquel
5. La huella de la Comandanta Ramona	Vicente Zito Lema
6. Historia del uno y los todos	FM de la Tribu
7. La historia de las piedras y los sueños	Norman Brisky
8. L@sotr@s... que somos	Karina “la Galle” Germano
9. La historia de la llave enterrada	Raly Barrionuevo
10. La historia del sostenedor del cielo	Leonor Manso
11. El dolor si se duele juntos	Silvio Rodríguez
12. Uno es tan grande como el enemigo que escoge para luchar	Beatriz Aurora
13. Tres definiciones para días tan aciagos	Red de Solidariedad con Chiapas – Buenos Aires
14. La historia de la Ceiba	Subcomandante Insurgente Marcos
15. Durito y una de llaves y puertas	Osvald Bayer

16. La historia de la medida de la memoria	Madres de Plaza de Mayo
--------------------------------------------	-------------------------

Fonte: Elaboração pelo autor, com base em dados da obra em referência (MARCOS, 2015b)

2. *LOS OTROS CUENTOS* E DIREITOS HUMANOS: UMA INTERFACE POSSÍVEL

Apresentam-se, a seguir, conforme o objetivo estipulado, elementos considerados consoantes e/ou passíveis de estabelecimento de relações com a temática dos Direitos Humanos⁷.

Segundo Benevides (2004), os Direitos Humanos são históricos, pois estão sujeitos a variações, conforme os diferentes momentos e asuaaceitação por distintos países ou governos, e universais, pois resultam do reconhecimento da intrínseca dignidade de todo ser humano, sem distinção alguma.

São recorrentes, na maioria dos contos, apontamentos literais ou que remetem a temas, tais como, acordos, alteridade, autogoverno, coletividade, cultura, diálogo, democracia, diferenças étnico-culturais, dignidade, escuta, fraternidade, gênero, identidade, igualdade, justiça, liberdade, paz, reconhecimento, respeito, solidariedade, união, dentre outras. São questões, ainda que com outros termos, tratadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em determinados contos, algumas dessas questões são abordadas de forma pontual, porém, em outros, há apontamentos mais enfáticos, alguns deles expostos a seguir, para fins de exemplificação.

Nos contos *El tercer hombro* e *La historia de los hombres y mujeres de maíz*, por exemplo, são apresentados apontamentos que tratam da convivência e da necessidade do respeito às diferenças.

De *La historia de los hombres y mujeres de maíz* destaca-se o seguinte excerto:

Pero también se acabó el color de la tierra, y empezaron a buscar otros colores y entonces les tocó corazón de maíz a gente que es blanca, roja o amarilla. Por eso hay aquí gente que no tiene el color moreno de los indígenas, pero tienen el corazón de maíz, y por eso están con nosotros. (MARCOS, 2015b, p. 23).

De *El tercer hombro* apresenta-se o excerto a seguir: “[...] y el Viejo Antonio me contó que los dioses primeros, los que nacieron el mundo, hicieron a los hombres y mujeres de maíz de modo que siempre se caminaran en colectivo. Y me contó que caminar en colectivo quiere decir pensar también en el otro, en el compañero.” (MARCOS, 2015b, p. 18-19).

O respeito às diferenças não se restringe à dimensão fenotípica, biotípica ou étnico-cultural, mas, estende-se a outros âmbitos, como, por exemplo, o pensamento:

⁷ Devido principalmente às especificidades da literatura literária a ao estilo de escrita do autor, optou-se por apresentar os excertos selecionados dos contos na língua original.

Contaron los más viejos de los viejos que poblaron estas tierras que los más grandes dioses, los que nacieron el mundo, no se pensaban parejo. O sea que no tenían el mismo pensamiento, sino que cada quien tenía su propio pensamiento y entre ellos se respetaban y escuchaban. (MARCOS, 2015a, p. 19).

Os excertos mencionados instigam ao estabelecimento de relações com os artigos 2º e 29 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Conforme o artigo 2º,

Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (ONU, 1948)

Já o artigo 29 dessa Declaração (ONU, 1948) diz que:

No exercício de seus direitos e liberdades, toda pessoa estará sujeita apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer às justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

Ressalta-se que, em contraposição à histórica tática dominante *divide et impera*, o Zapatismo (re)une povos indígenas de diversas etnias de matriz Maia, o que implica a necessidade de constantes diálogos, acordos e respeito às diferenças. Isso se aplica também ao *Congreso Nacional Indígena* (CNI) e ao *Concejo Indígena de Gobierno* (CIG), ambos situados em território mexicano e que se configuram como duas conquistas históricas em termos de união de povos indígenas no México (SILVA, 2019). Ressalta-se, também, que por intermédio da Sexta Declaração da Selva Lacandonae da Comissão Sexta do EZLN, o Zapatismo, para além de povos indígenas, une ou aproxima pessoas e organizações da sociedade civil de diferentes países e continentes, em torno de pautas antissistêmicas comuns (MARTÍNEZ GONZÁLES, 2018, SILVA, 2019).

Nos contos *Tres definiciones para días tan aciagos* e *La historia de las miradas*, por exemplo, há apontamentos acerca do respeito e da igualdade entre os gêneros. Apresenta-se, a seguir, para fins de ilustração, excerto do primeiro conto: “La historia no es más que garabatos que escriben los hombres y mujeres en el suelo del tiempo.” (MARCOS, 2015b, p. 53). Do segundo conto destaca-se o seguinte excerto: “Así aprendieron estos hombres y mujeres que se puede mirar al otro, saber que es y que está y que es otro y así no chocar con él, ni pegarlo, ni pasarle encima, ni tropezarlo.” (MARCOS, 2015a, p. 40).

Esses excertos instigam ao estabelecimento de relações com o Preâmbulo, mais especificamente com o quinto considerando da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que faz menção à “[...] fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla” (ONU, 1948).

O Zapatismo, desde seus primórdios, dedica especial atenção à questão de gênero. Exemplifica isso a Lei Revolucionária das Mulheres, que integra o conjunto de Leis Revolucionárias, publicado quando do Levante. Cada vez mais o Movimento empenha-se em diversas formas, não sem contradições e desafios, inclusive internos, para promover a igualdade – a rigor, equidade –, bem como para combater preconceitos e discriminações relacionadas a gênero e/ou à sexualidade (NASCIMENTO; MARTINS, 2012, SILVA, 2019). Vieira (2020, p. 212-213) aponta que

Duas das maiores chagas contra a dignidade humana de nosso tempo: machismo e racismo são fenômenos históricos de longa duração, ou seja, constituem-se em estruturas históricas do capitalismo. A consciência dessa característica é fundamental para sua superação. A dignidade humana plena somente será alcançada quando ambas forem extirpadas. Igualdade, liberdade e solidariedade são pilares indissociáveis, logo todas as lutas são coletivas.

No conto *La historia de la Ceiba*⁸, por exemplo, há apontamentos sobre a necessidade do diálogo, com vistas à busca de acordos ou consensos: “Los hombres y mujeres trabajaban, Vivian parejas. No había quien mandara ni quien obedeciera, y todo lo sacaban por acuerdo.” (MARCOS, 2015b, p. 55).

Esse excerto instiga ao estabelecimento de relações com o artigo 29 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, no qual consta que “Toda pessoa tem deveres para com a comunidade, em que o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.” (ONU, 1948). Estabelecem-se, também, nexos com o artigo 21, que trata, dentre outros assuntos, do direito à participação nos processos decisórios da comunidade ou da sociedade.

Ressalta-se que são recorrentes nas obras em tela menções a diálogos e a assembleias para realização de acordos e tomadas coletivas de decisões. O excerto apresentado remete aos princípios do mandar obedecendo, que pautam os processos decisórios do Movimento. Os princípios do mandar obedecendo são: servir e não se servir; representar e não suplantar; construir e não destruir; obedecer e não mandar; propor e não impor; convencer e não vencer; baixar e não subir. Esses princípios são elementos-chave para a operacionalização e para a compreensão da concepção zapatista de política e de poder (AGUIRRE ROJAS, 2008, SILVA, 2019).

⁸ Ceiba é uma árvore considerada sagrada pelos povos dematriz Maia (MARTÍNEZ GONZÁLES, 2018).

Há também nos contos elementos que remetem ao estabelecimento de relações com as históricas violações dos Direitos Humanos, bem como de outros direitos, em especial por ação e/ou omissão de autoridades e governantes – apresentados pelos zapatistas como o mau governo – do Estado mexicano, em seus diferentes níveis de governo, quais sejam, federal, estadual e municipal.

Nos contos *El tercer hombre*, *El yo y el nosotros*, *Uno es tan grande como el enemigo* que escoge para lutar, *La historia de la Ceiba e Durito y una de llaves y puertas* são apresentadas críticas aos políticos modernos, à democracia praticada pelos partidos políticos com registro oficial ao poder que, na acepção hegemônica, é um fim em si mesmo. Esses assuntos têm nexos com outros anteriormente apresentados neste texto e com diversos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. No conto *El tercer hombre* o Subcomandante Insurgente Marcos faz menção às eleições referentes à política mexicana como uma “fraude” (MARCOS, 2015b, p. 18). Do conto *Uno es tan grande como el enemigo* que escoge para lutar destaca-se o seguinte excerto para exemplificação: “El gobierno le teme al pueblo de México, por eso tiene tantos soldados y policías. Tiene un miedo muy grande.” (MARCOS, 2015b, p. 51). Do conto *Durito y una de llaves y puertas* destaca-se o excerto a seguir: “Dice Durito que, mientras los políticos se aglomeran y pelean por la llave frente a la puerta del Poder, los zapatistas pasan de largo [...]” (MARCOS, 2015b, p. 58).

Esses excertos instigam ao estabelecimento de nexos com o artigo 21 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que trata, dentre outros temas, da participação nos processos decisórios que dizem respeito à vida em comunidade ou em sociedade. Segundo esse artigo, “Toda pessoa tem o direito de tomar parte no governo de seu país, diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.” (ONU, 1948). Além disso, conforme esse mesmo artigo, “A vontade do povo será a base da autoridade do governo; esta vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.” (ONU, 1948).

Os excertos dos contos mencionados remetem à categoria mau governo, recorrente na produção discursiva zapatista, bem como à questão do poder político no e para o Zapatismo, objeto de várias polêmicas e críticas. Uma das obras de maior repercussão internacional – e que também suscita diversas polêmicas – em torno desse assunto é o livro *Mudar o mundo sem tomar o poder*, de Holloway (2003). Ressalta-se que entre as várias razões do Levante Zapatista estava a situação política do México, incompatível – da perspectiva rebelde – com um país que se apresentava como democrático (MARTÍNEZ GONZÁLES, 2018, SILVA, 2019).

Os contos *La historia de los hombres y mujeres de maíz* e *La historia del sostenedor del cielo*, por exemplo, apresentam apontamentos acerca da questão da natureza ou da Terra. Destaca-se, do primeiro conto, o excerto a seguir, que remete à preservação do Planeta: “Y dicen nuestros antepasados que, cada tanto, la tierra busca proteger a sus hijos, a

los hombres y mujeres de maíz. Y que llega un momento que es cuando la noche es más difícil donde la tierra se cansa y necesita que esos hombres y mujeres le ayuden a vivir.” (MARCOS, 2015b, p. 23).

Martínez Gonzáles (2018), ao realizar análise do CampArte, aponta que a temática da natureza e da relação com a *Madre Tierra* está presente nas produções artísticas zapatistas, sendo a hidra capitalista – metáfora zapatista para fazer menção ao sistema capitalista – apresentada como depredadora do universo. Isso reitera a inter-relação entre os diferentes níveis do cotidiano zapatista e as suas manifestações artístico-culturais.

Conforme Cardoso (2013, p. 8),

Hoje sabemos também que a dignidade da vida humana passa pela ‘dignidade’ da vida planetária à qual pertencemos e da qual dependemos. A humanidade presente e as futuras gerações têm o direito à participação de uma vida planetária saudável. E num esforço de compreensão dos direitos humanos para além de suas fronteiras antropocêntricas, estamos aprendendo quais são as responsabilidades humanas na defesa e proteção, não somente, do direito à vida humana, mas também do direito de a própria vida existir enquanto ecossistema planetário. Construir uma da ‘ética da vida’ é um dos desafios das pesquisas de marco teórico em direitos humanos.

Os contos *La historia de la espada, el árbol, la piedra y el agua* e *La historia de la Ceiba* fazem referência à inconclusa tentativa de Conquista, levada a termo por países europeus, há mais de cinco séculos, o que enseja a questão da resistência, da memória e da história, recorrente na maioria dos contos. A seguir, apresenta-se excerto do conto *La historia de la Ceiba*:

Y dicen nuestros antiguos que de ahí, de esas astillas que llegaron otra vez a la tierra volvieron a germinar, que son esos pueblos indios casi 60, más de 60 pueblos indios. Y dicen nuestros antiguos que el trabajo de esos pueblos indios es guardar la memoria para que este país recuerde lo que fueron sus raíces. (MARCOS, 2015b, p. 56)

A memória e a história são quesitos fundamentais para recordar e valorizar as raízes indígenas, para entender os impactos do processo de Conquista, bem como para conhecer as históricas violações de direitos a que foram e/ou são submetidos esses povos.

Vieira (2020) ressalta a importância da história – em acepção crítica – para o processo de constituição de sujeitos históricos e para a compreensão de que a configuração da sociedade é decorrência de decisões humanas, portanto, passível de transformações, e que “Mudanças e permanências históricas são siamesas; rupturas totais com as estruturas históricas ocorrem num processo histórico muito lentamente e em movimentos de avanços e recuos, daí a importância de sujeitos históricos ativos, conscientes e persistentes.” (VIEIRA, 2020, p. 213).

Em vários contos há apontamentos que instigam ao estabelecimento de nexos com as recorrentes violações dos Direitos Humanos perpetradas contra povos indígenas no México, integrantes ou não do Zapatismo, como, por exemplo, o racismo, resultante tanto da discriminação decorrente dos fatores biotípicos ou fenotípicos quanto da estigmatização das culturas indígenas.

O excerto a seguir, do conto *El yo y el nosotros*, exemplifica isso: “El ‘*tic*’ que se repite una y otra vez en nuestras lenguas, viene a ser como el tic-tac de ese reloj que nosotros queremos llegar, para ser parte de este país, sin ser una vergüenza para él, una afrenta o un motivo de burla o de limosna.” (MARCOS, 2015b, p. 21, grifos do autor).

Essa questão remete ao artigo 7º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que trata da igualdade e da discriminação: “Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento à discriminação.” (ONU, 1948).

O histórico racismo em relação aos indígenas no México é abordado por Aguirre Rojas (2015), Montemayor (2009), Villoro e Navarro (2013), dentre outros autores. O excerto apresentado remete à clássica consigna *Nunca más un México sin nosotros*, que se tornou um marco na história dos povos indígenas nesse país, após o Levante Zapatista, que se configura como um dos principais demarcadores – antes e depois do Levante – em termos de assunção e de autovalorização das culturas indígenas, assim como de combate ao racismo e à marginalização desses povos no México (SILVA, 2019). No entendimento de Araujo (2011, p. 244), “De fato, Marcos assume as questões da exclusão e da dominação dos indígenas que ele representa e leva-as ao centro do poder discursivo e político.”

Ao mesmo tempo que denunciam aspectos das violências materiais e simbólicas ainda na atualidade perpetradas contra povos indígenas e/ou suas organizações, em especial aquelas declaradas em resistência, os contos do Subcomandante Insurgente Marcos, ao tematizarem elementos da cosmovisão e da epistemologia Maia, contribuem para promover a (auto)valorização das culturas indígenas, imbricadas com as esferas política e econômica.

Em *La historia del ratoncito y el gatito* são apresentadas menções a fronteiras nacionais, guerras, dentre outros assuntos, destacando-se o seguinte excerto: “Es claro que existen, al menos, dos cosas que están por encima de las fronteras: la una es el crimen que, disfrazado de modernidad, distribuye la miseria a escala mundial [...]” (MARCOS, 2015a, p. 51).

Esse excerto instiga ao estabelecimento de nexos com o segundo considerando do Preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que faz menção ao temor e à necessidade (ONU, 1948), que implicam sofrimentos de variadas ordens e intensidades para pessoas ou populações atingidas por esses fenômenos.

A relevância da escuta, da palavra, bem como do ato de contar e escutar histórias é recorrente nas obras analisadas. O conto *El dolor si se duele juntos* propicia elementos que instigam a reflexões sobre as potencialidades desse ato: “Tiene noches que una enfermedad aqueja el sueño de la Doña Juanita, y el desvelo del Viejo Antonio la alivia con historias y juegos. [...] La Doña Juanita rie [...] – *No me curé, pero mucho reí* [...]” (MARCOS, 2015b, p. 49, grifos do autor).

Apotencialidade do contar e do ouvir histórias e, por conseguinte, a relevância da literatura são destacadas por autores, tais como, Leal (2019), Souza et al (2020) e por Candido (2011, p. 177), que aponta que a literatura “[...] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”.

A questão da relevância e da potencialidade da literatura instiga ao estabelecimento de nexos com o artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que trata do direito ao lazer, e ao artigo 27, que menciona, dentre outros, o direito à fruição da arte. Conforme o artigo 27, “Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir artes e de participar do processo científico e de seus benefícios.” (ONU, 1948).

O conto *La historia del sostenedor del cielo* remete à relevância da circulação da palavra: “[...] y dicen aquellos enseñadores antiguos que este sostenedor enseñó a los hombres y mujeres la palabra y su escritura porque, dicen, mientras la palabra camine el mundo es posible que el mal se aquiete y esté el mundo cabal, así dicen.” (MARCOS, 2015b, p. 46).

A relevância e a potencialidade da escuta e da palavra no Zapatismo são abordadas a partir de variadas perspectivas e por diversos autores, dentre eles, Barbosa (2016, 2020) e Hilsenbeck Filho (2013). Barbosa (2020) aponta que a palavra e, por conseguinte, os conceitos presentes nas produções discursivas do Zapatismo têm relações com a cosmovisão e com a epistemologia dos povos de matriz Maia.

Os contos em referência fazem circular, nas modalidades escrita e oral, a palavra rebelde zapatista, com vistas a contribuir para a construção de outro mundo, um mundo que remete ao sonho do Viejo Antonio, apresentado no conto intitulado *Sueña el Viejo Antonio*:

Sueña Antonio con que la tierra que trabaja le pertenece, sueña que su sudor es pagado con justicia y verdad, que hay escuela para curar la ignorancia y medicina para espantar la muerte, sueña que su casa se ilumina y su mesa se llena, sueña que su tierra es libre y que es razón de su gente gobernar y autogobernarse, sueña que está en paz consigo mismo y con el mundo. Sueña que debe luchar para tener ese sueño, sueña que debe haber muerte para que haya vida. Sueña Antonio y despierta... Ahora sabe qué hacer y ve a su mujer en cuclillas atizar el fogón, oye a su hijo llorar, mira el sol saludando al oriente, y afila su machete mientras

sonríe. Un viento se levanta y todo lo revuelve, él se levanta y camina a encontrarse con otros. Algo le ha dicho que su deseo es deseo de muchos y va a buscarlos. (MARCOS, 2015a, p. 17)

No entanto, as manifestações artísticas não são apresentadas como panaceia para todos os problemas sociais; segundo os editores de *Los otros cuentos*, “[...] a arte é uma maneira de lutar.” (LA RED, 2015b, p. 9, tradução nossa). Além disso, o ato de sonhar, em si mesmo e isoladamente, não implica a concretização dos objetivos sonhados, sendo imprescindível a prática social, como evidencia toda a história do Zapatismo, desde o período da clandestinidade. Como expresso no excerto apresentado anteriormente, para que o sonho do Viejo Antonio possa ser concretizado, é necessário lutar. O convite à prática social está posto nesse mesmo conto: “En este país todos sueñan. Yallegala hora de despertar...” (MARCOS, 2015a, p. 17).

Conforme os editores das obras analisadas, o projeto zapatista é uma “[...] realidade de insurgência e de resistência [que] implica a construção coletiva de uma política anticapitalista, de esquerda, organizada de baixo, e reivindica o exercício dos *direitos humanos*, da equidade de gênero e a diversidade cultural.” (LA RED, 2015a, p. 14, tradução e grifos nossos).

A circulação da palavra rebelde e, por conseguinte, *Los otros cuentos* configuram-se como uma aposta possível e necessária para o projeto zapatista, com vistas à construção de um mundo muito diferente, em que caibam muitos mundos.

3. DIREITOS HUMANOS E ZAPATISMO: PARA ALÉM DOS CONTOS

Para além dos contos do Subcomandante Insurgente Marcos, ressalta-se que há também significativa quantidade de documentos do Movimento que apresenta menções, literais ou não, à temática dos Direitos Humanos, a começar pela Primeira Declaração da Selva Lacandona, datada de 1º de janeiro de 1994 (EZLN, 1994a), que apresenta diversos pontos de aproximação com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (VELASCO YÁÑES, 2005, SOLANO, 2014), e comunicados de autoridades zapatistas, como, por exemplo, o documento no qual é solicitada, num dos momentos mais críticos dos confrontos armados em decorrência das ações bélicas do Estado mexicano, a presença de observadores de Direitos Humanos (EZLN, 1994b).

Aliás, considera-se que determinados excertos da Primeira Declaração da Selva Lacandona, especialmente no que se refere às demandas zapatistas, são passíveis de associação com diversos artigos e com alguns considerandos – principalmente ao terceiro – do Preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que diz que é “[...] essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo Estado de Direito, para que o homem não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra tirania e a opressão”

(ONU, 1948). Ademais, destaca-se que vários dos principais documentos do Movimento são encerrados com a consigna “Democracia, Liberdade e Justiça” (SILVA, 2019).

O Zapatismo, mesmo com as várias conquistas políticas, econômicas e culturais registradas ao longo da sua atuação, enfrenta desafios de variadas ordens, internos e principalmente externos, relacionados aos Direitos Humanos, bem como às demandas zapatistas. O território de atuação desse Movimento é o México, um país que contabiliza variadas e constantes violações dos Direitos Humanos, várias delas com repercussão em âmbito internacional, como, por exemplo, agressões de diversos tipos a pessoas defensoras dos Direitos Humanos, desaparecimentos, deslocamentos forçados, detenções arbitrárias, execuções extrajudiciais, torturas, violações ao direito à terra e ao território dos povos originários, dentre outras (FRAYBA⁹, 2020, SERVIN, 2020, ONU, 2018).

Além disso, os territórios rebeldes autônomos zapatistas estão localizados em Chiapas, na fronteira sul mexicana, alvo de intensificação de operações militares e policiais, bem como de outros aparelhos de Estado, tendo como alguns dos pretextos para a militarização dessa região o fato de se tratar de área fronteira, com atividades relacionadas ao tráfico de drogas e a fluxos de imigrantes – não raramente sem a documentação exigida por lei – que têm como objetivo ingressar nos Estados Unidos da América.

Ressalta-se que especialmente comunidades em resistência, lideranças populares, jornalistas e defensores dos Direitos Humanos estão entre as principais vítimas da violação dos direitos que defendem e reivindicam, o que enseja o questionamento do Subcomandante Insurgente Marcos: “[...] quem defende os direitos humanos dos defensores dos direitos humanos?” (EZLN, 2011, p. 2, tradução nossa).

Após o Levante Zapatista, o Estado mexicano desencadeou uma guerra de contra-insurgência – também denominada em bibliografia atinente como guerra de baixa intensidade –, que dura mais de um quarto de século, na tentativa (sem êxito) de eliminar o Zapatismo. Essa guerra teve – e continua a ter – diversos impactos negativos para as comunidades em resistência, especialmente as zapatistas ou simpatizantes desse Movimento. A guerra de contra-insurgência envolve as Forças Armadas mexicanas, diferentes corporações policiais, grupos paramilitares, dentre outras organizações ou instituições, estatais ou não. Além dos vários ataques a comunidades zapatistas, destaca-se o Massacre de Acteal, que resultou na morte de 45 pessoas que intercediam, no interior de uma igreja, pela paz nos territórios afetados pelos conflitos (AGUIRRE ROJAS, 2008, GALINDO DE PABLO, 2015, OROZCO LÓPEZ, 2017).

Na região dos territórios rebeldes, diversas comunidades indígenas em resistência, em especial as zapatistas, continuam a sofrer ameaças ou efetivas violações dos Direitos Humanos, perpetradas contra seus membros, instalações ou territórios, com destaque, na atualidade, para os impactos, diretos ou indiretos, de megaprojetos ou outros empreendimentos, tais como,

⁹ Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de las Casas (Frayba).

[...] aeroportos, agronegócio, complexos turísticos, extrativismo/mineração, ferrovias, hidrovias, portos, represas, rodovias, usinas hidrelétricas e outras formas de geração de energia, dentre outros –concebidos em perspectivas desenvolvimentistas e que visam atender a demandas de acumulação de capital, que, não raramente, determinam, direta ou indiretamente, os investimentos em equipamentos públicos (a rigor, estatais) de uso coletivo. Esses empreendimentos são apresentados como indispensáveis ao necessário e inevitável desenvolvimento, ao progresso ou à modernização; os setores que se opõem a eles são tachados de retrógrados, atrasados, refratários ao progresso, além de outros rótulos. (SILVA, 2018, p. 128)

Um dos megaprojetos que mais afetam a região em tela na atualidade é o polemicamente denominado Trem Maya, que envolve interesses governamentais, bem como de corporações nacionais e transnacionais, dentre outros sujeitos. Empreendimentos como esse têm diversos impactos políticos, econômicos e culturais, imediatos e mediatos, para comunidades cujos territórios são afetados por essas obras e/ou seus desdobramentos. Segundo Silva (2018, p. 128),

Algumas das características-chave e comuns aos megaprojetos são diversos impactos negativos, principalmente para as populações que vivem nas áreas afetadas ou no seu entorno imediato: deslocamentos forçados (a rigor, expulsões), destruição da natureza, intensificação dos níveis de exploração da força de trabalho, danos à saúde, assédios e violências psicológicas ou físicas, assassinatos, entre outras diversas ilegalidades ou violações dos Direitos Humanos.

Essas violações, como pontuado, envolvem, direta e/ou indiretamente, a participação tanto de aparelhos ou agentes estatais, quanto de organizações ou agentes não estatais, especialmente paramilitares¹⁰. Ademais, há que se considerar que, em especial na atual conjuntura, os Direitos Humanos e seus defensores encontram-se sob ataques intensificados em diferentes países do mundo, o que potencializa os desafios para avanços na sua consecução.

Como pontuado, a questão dos Direitos Humanos é objeto de disputas de variadas ordens entre diferentes classes sociais e suas frações (CARDOSO, 2013, MBAYA, 1997, SANTOS, 2009). Há frações que fazem a crítica à ordem social

¹⁰ Para acompanhamento de questões relacionadas aos megaprojetos e às recorrentes violações dos Direitos Humanos de povos indígenas em Chiapas, mais especificamente nas regiões dos territórios rebeldes autônomos zapatistas, bem como dos ataques de diversas ordens perpetrados contra pessoas e organizações defensoras dos Direitos Humanos no México, sugere-se a consulta especialmente a documentos produzidos pelas seguintes organizações: Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de las Casas (Frayba) <<https://frayba.org.mx/>>, Enlace Zapatista <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/>>, Red Nacional de Organismos Civiles de Derechos Humanos Todos los Derechos para Todas y Todos (Red TDT) <<https://redtdt.org.mx/mco-a-chiapas-comunicado-de-prensa/>> e Rompeviento TV <<https://www.rompeviento.tv/>>.

vigente que entendem os Direitos Humanos como mera ideologia ou reformismo. Há, também, setores que realizam disputas teórico-práticas em torno da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com vistas a avanços em termos do seu cumprimento, porém, visando, concomitantemente, transformações estruturais na sociedade. Isso implicadefender e reivindicar os Direitos Humanos, considerando as potencialidades, as contradições e os limites para a sua efetivação na ordem social vigente, inclusive porque os Direitos Humanos propiciam fundamentação ético-política para a reivindicação e/ou o cumprimento de outros direitos legais. Conforme Cardoso (2013, p. 11),

Em primeiro lugar, o avanço das lutas pela dignidade humana passa pela superação da visão puramente liberal dos direitos humanos. Sabemos que a configuração originária desses direitos fundamentais reflete os ideais das revoluções burguesas, cujo eixo axiológico foi a liberdade e a autonomia do indivíduo frente ao Estado absoluto e tirano. Conquista extremamente importante no século dezoito, porém, esta primeira configuração se revelou impotente para enfrentar, sozinha, as violações da dignidade humana, provocadas pela miséria, pobreza e exploração e agudizadas com a revolução industrial.

Considera-se que o Zapatismo aproxima-se dessa abordagem e a educação rebelde autônoma zapatista cumpre papel-chave na consecução dos objetivos do Movimento, especialmente no que se refere às suas demandas (SILVA, 2019).

A relevância da educação é destacada no Preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948):

A presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

Partindo de apontamentos de Cardoso (2013), de Klein, Torres e Galindo (2019) e de outros autores, ressalta-se a necessidade da interface entre educação – em sentido *lato* – e Direitos Humanos. Segundo Cardoso (2013, p. 11),

A Educação em Direitos Humanos está comprometida em construir uma cultura de respeito à dignidade humana em todos seus aspectos, por meio de práticas e vivências, das quais o educando é também protagonista. E estas, para realmente contribuírem com um processo emancipatório do ser humano, precisam estar em sintonia com as transformações sociais comentadas há pouco. Nesse sentido, a Educação em Direitos Humanos desencadeia, no plano da cultura, um processo

de mudança de mentalidade para o indivíduo entender, aceitar e protagonizar coletivamente transformações estruturais no plano da vida material, que por sua vez irão expandir e radicalizar as mudanças culturais.

Conforme ressaltado por Candido (2011), a literatura é fundamental para o processo de humanização, haja vista seu potencial de instrução e de educação. Assim, considera-se pertinente a interface entre literatura, educação e Direitos Humanos, visando inclusive promover a difusão de informações que contribuam para o processo de conscientização e envolvimento das classes trabalhadoras com esses Direitos. Isso pode contribuir para o desenvolvimento, para a intensificação ou para o aperfeiçoamento de diversas formas de combate às violações e, por conseguinte, de apoio às pessoas ou comunidades afetadas em diferentes pontos do mundo. Para isso é necessário envidar esforços com vistas a sensibilizar as populações para a necessidade do respeito aos Direitos Humanos, inclusive porque, segundo Klein, Torres e Galindo (2019, p. 20), “Não há democracia sem respeito aos direitos de todos os grupos sociais.” No entendimento de Candido (2011, p. 193),

[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. [...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis, é um direito inalienável.

Reiterando as ressalvas apresentadas neste texto, considera-se que o autor e os editores das obras em referência contribuem para a promoção, em perspectiva crítica, da interface entre literatura, Direitos Humanos, (auto)educação e auto-organização das classes trabalhadoras.

CONCLUSÃO

Los otros cuentos tematizam questões consideradas consoantes e/ou passíveis de estabelecimento de nexos com a questão dos Direitos Humanos. Aliás, há, também, pontos passíveis de aproximação entre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e as demandas zapatistas, que são: trabalho, terra, moradia, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça, paz, cultura e informação. Essas demandas extrapolam o âmbito do Movimento Zapatista e/ou dos povos indígenas, pois contemplam, também, necessidades prementes de amplas frações das classes trabalhadoras de diferentes países do mundo.

A literatura zapatista configura-se também como uma maneira de difundir os princípios, as demandas e as lutas desse Movimento, assim como de promover a (auto)valorização das culturas indígenas, historicamente discriminadas e combatidas

por frações das classes hegemônicas e pelo Estado mexicano, que recorrem a diversos aparelhos e táticas para realizar a integração e a assimilação dos povos indígenas à dita cultura nacional. As iniciativas zapatistas de autoeducação – formal e não formal –, que incluem as manifestações artístico-culturais, contribuem para a resistência e também para avanços no processo de construção e de consolidação do seu projeto de autonomia.

As obras analisadas contribuem para a problematização e para a difusão, em clave literária e crítica, de diversos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos, assim como para o processo de (auto)educação dos zapatistas e de outros setores das classes trabalhadoras.

Ressalta-se que o Movimento enfrenta condições adversas e desafios de variadas ordens, internos e principalmente externos, relacionados aos Direitos Humanos, em especial na atualidade, em decorrência, dentre outros fatores, dos diversos ataques a pessoas, a instalações e/ou aos territórios autônomos rebeldes zapatistas e, sobremaneira, dos megaprojetos e outros empreendimentos de variados portes levados a termo por corporações nacionais e transnacionais, não raramente com algum tipo e nível de envolvimento, direto ou indireto, de aparelhos de Estado, autoridades e/ou governantes.

Destaca-se um diferencial-chave do Zapatismo, não obstante essas condições adversas: em contraposição a um mundo distópico há tempos padecido, o Movimento pratica e propaga uma rebelde utopia, construída e vivenciada não numa vindoura e perfeita sociedade, mas, ao invés, desde já e coletivamente, tentando, assim, evitar a incorrência em determinismos, etapismos, idealismos, imobilismos ou voluntarismos, que, em última análise, tendem a corroborar a ordem social vigente. Esse diferencial está presente nas obras analisadas e, principalmente, na prática social cotidiana zapatista, com vistas ao enfrentamento da hidra capitalista e à construção de um mundo *muyotro*.

Sem deixar de considerá-la dimensão lúdica – que não é incompatível com a dimensão ético-política –, as manifestações artísticas, no Zapatismo, integram organicamente as iniciativas políticas, econômicas e culturais do Movimento, com destaque para as disputas epistemológicas, inclusive no âmbito da literatura, que, como apontado, configura-se como uma forma de resistência e também como um Direito Humano.

SILVA, C. R. Los otros cuentos: relatos del subcomandante insurgente marcos – a reading in the light of human rights. *ORG & DEMO* (Marília), v. 22, n. 1, p. 63-88, Jan./Jun., 2021.

Abstract: In this text, resulting from documentary and bibliographic research, the objective is to present reflections, from an Education perspective, on the two volumes of *Los otros cuentos: relatos del Subcomandante Insurgente Marcos*, in the light of the Universal Declaration of Human Rights and bibliography related to this theme. *Los otros cuentos* are considered to address issues consonant and/or liable to establish links with the theme of Human Rights. These works contribute to the problematization and dissemination, in literary and critical terms, of various elements of the Universal Declaration of Human Rights and, therefore, to the process of (self)education of the zapatistas, as well as other sectors of the working classes.

Keywords: Education; Human rights; Zapatismo; Literature.

Resumen: En este texto, resultado de investigación documental y bibliográfica, el objetivo es presentar reflexiones, desde una perspectiva de la educación, sobre los dos volúmenes de *Los otros cuentos: relatos del Subcomandante Insurgente Marcos*, a la luz de la Declaración Universal de los Derechos Humanos y bibliografía relacionada con este tema. Se considera que *Los otros cuentos* abordan cuestiones consonantes y/o susceptibles de establecimiento de vínculos con la temática de los Derechos Humanos. Estos libros contribuyen a la problematización y difusión, en términos literarios y críticos, de diversos elementos de la Declaración Universal de los Derechos Humanos y también al proceso de (auto) educación de los zapatistas, así como de otros sectores de las clases trabajadoras.

Palabras clave: Educación; Derechos humanos; Zapatismo; Literatura.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE ROJAS, C. A. **Antimanual del buen rebelde**. Guía de la contra política para subalternos, anticapitalistas y antisistémicos. 6. ed. Ciudad de México: Contrahistorias, 2015.

AGUIRRE ROJAS, C. A. Artes, ciencias y saberes neozapatistas. Nacer desdeabajo el nuevo mundo no capitalista. **Contrahistorias**. Ciudad de México, n. 27, p. 25-42, mar., 2017.

AGUIRRE ROJAS, C. A. **Mandar obedeciendo**: as lições políticas do neozapatismo mexicano. San Cristóbal de las Casas: Cideci-Unitierra Chiapas, 2008.

AGUIRRE ROJAS, C. A. **Movimientos antisistémicos**: pensar lo antisistémico en los inicios del Siglo XXI. Rosario: Prohistorias, 2012.

ARAUJO, M. L. Da política às letras: o protagonismo literário do Subcomandante Marcos.

Miscelânea. Assis, v. 9, p. 230-246, jan./jun., 2011. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/481/586>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

BAGNOLI, A. **Literatura e resistência**: a palavra escrita nas reivindicações territoriais dos povos indígenas. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas e Culturas Modernas) - Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/93122/1/LITERATURA%20E%20RESISTENCIA.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BARBOSA, L. P. Educación, resistencia y conocimiento en América Latina: por una teoría desde los movimientos sociales. **De Raíz Diversa**. v. 3, n. 6, p. 45-79, jul./dez., 2016. Disponível em: <<http://revistas.unam.mx/index.php/derazidiversa/article/view/58425>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

BARBOSA, L. P. **Educación, resistencia y movimientos sociales**: la praxis educativo-política de los Sin Tierra y de los Zapatistas. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

BARBOSA, L. P. Pedagogías sentipensantes y revolucionarias en la praxis educativo-política de los movimientos sociales de América Latina. **Revista Colombiana de Educación**. Bogotá, v. 1, n. 80, p. 269-290, 2020. Disponível em: <<https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/RCE/article/view/10794>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

BASCHET, J. **Podemos goberarnos nosotros mismos**: la autonomía, una política sin el Estado. San Cristóbal de las Casas: Cideci-Unitierra Chiapas, 2017.

BENEVIDES, M. V. Cidadania e direitos humanos. In: CARVALHO, S. C. (org.). **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 43-65.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CARDOSO, C. M. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos: uma contribuição para o diálogo entre a ciência, a ética e a política. **RIDH**. Bauru, v. 1, n. 1, p. 7-14, dez., 2013. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/149/74>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

CASMIRO GALLO, F. P. Un estudio sobre la literatura zapatista. El Viejo Antonio y Durito cuentan las historias de Chiapas. **Letteratura Hispanoamericana e Comparata**. Roma, v. 13, p. 41-53, 2020. Disponível em: <<http://www.revistaelhipogriфо.com/wp-content/uploads/2020/09/41-53-1.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

DAL RI, N. M. Um panorama dos novos movimentos sociais latino-americanos e a pedagogia do trabalho associado. In: NOVAES, H. T.; DAL RI, N. M. (org.). **Movimentos sociais e crises contemporâneas**. Uberlândia: Navegando, 2017. p. 165-179.

EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL (EZLN). **Carta del SCI Marcos a la 41 Asamblea Nacional de la Red Nacional de Organismos Civiles Todos los Derechos para Todas y Todos**. Mexico, 2011. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2011/03/18/carta-del-sci-marcos-a-la-41-asamblea-nacional-de-la-red-nacional-de-organismos-civiles-%E2%80%9Ctodos-los-derechos-para-todas-y-todos-%E2%80%9D/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL (EZLN). **Entre la luz y la sombra**. Mexico, 2014. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2014/05/25/entre-la-luz-y-la-sombra/>>. Acesso em: 7 abr. 2014.

EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL (EZLN). **Primera Declaración de la Selva Lacandona**. México, 1994a. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>>. Acesso em: 7 abr. 2014.

EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL (EZLN). **Solicitud de observadores de derechos humanos**. México, 1994b. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/09/29/solicitud-de-observadores-de-derechos-humanos/>>. Acesso em: 5 out. 2018.

EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL (EZLN). **Subcomandante Marcos: Según nuestro calendario, la historia del EZLN, previa al inicio de la guerra, tuvo 7 etapas**. México, 2003. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2003/11/10/subcomandante-marcos-segun-nuestro-calendario-la-historia-del-ezln-previa-al-inicio-de-la-guerra-tuvo-7-etapas/>>. Acesso em: 7 abr. 2014.

FRAYBA – CENTRO DE DERECHOS HUMANOS “FRAY BARTOLOMÉ DE LAS CASAS”.

Accion e surgentes. San Cristóbal de las Casas. 2020. Disponível em: <https://frayba.org.mx/category/acciones_urgentes/>. Acesso em: 30 dez. 2020.

GALINDO DE PABLO, A. El paramilitarismo en Chiapas Respuesta del poder contra lasociedad organizada. **Política y Cultura.** n. 44, p. 189-213, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-77422015000200009>. Acesso em: 7 abr. 2014.

HILSENBECK FILHO, A. M. Arte e estética política zapatista: o I FestivalCompArte pela Humanidade. **Lutas sociais.** São Paulo, v. 21, p. 77-92, 2017.

Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/35879/pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

HILSENBECK FILHO, A. M. Literatura e resistência: a palavra armada zapatista. **Communicare.** São Paulo, v. 13, p. 81-96, 2013. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Literatura-e-resit%C3%AAncia.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

HOLLOWAY, J. **Mudar o mundo sem tomar o poder:** o significado da revolução hoje. São Paulo: Viramundo, 2003.

JIMÉNEZ RAMÍREZ, M. P. El rostro de los derechos humanos en Chiapas. **El Cotidiano.** Ciudad de México, v. 16, n. 100, p. 52-57, 2000.

KLEIN, A. M.; TORRES, J. C.; GALINDO, M. A. Direitos Humanos, mulheres e gênero nas escolas: uma questão de política pública. **Educação em Revista.** Marília, v. 20, p. 9-22, 2019. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/8732>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

LA RED DE SOLIDARIEDAD CON CHIAPAS (LA RED). Tomar la palabra... continuar la lucha. In: **Los otros cuentos:** relatos del Subcomandante Insurgente Marcos. Buenos Aires: Red de Solidaridad con Chiapas, 2015a. v. 1. p. 11-15.

LA RED DE SOLIDARIEDAD CON CHIAPAS (LA RED). Los otros “Otros Cuentos”. In: **Los otros cuentos:** relatos del Subcomandante Insurgente Marcos. Buenos Aires: Red de Solidaridad con Chiapas, 2015b. v. 2. p. 7-9.

LEAL, L. F. A prosa poética nos contos de Carrascoza. **Miscelânea.** Assis, v. 26, p. 289-292, 2019. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/download/1557/1381>>. Acesso em: 19 out. 2020.

LOUREIRO, B. R. C. Formação política via autoeducação no movimento hip-hop: experiências de rappers ativistas no Brasil. **Educação.** Santa Maria, v. 44, p. 1-29, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/34976/pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MARCOS, S. I. **Los otros cuentos:** relatos del Subcomandante Insurgente Marcos. Buenos Aires: Red de Solidaridad con Chiapas, 2015a. v. 1.

MARCOS, S. I. **Los otros cuentos:** relatos del Subcomandante Insurgente Marcos. Buenos Aires: Red de Solidaridad con Chiapas, 2015b. v. 2.

MARTÍNEZ GONZÁLEZ, R. N. El CompArte zapatista por la Humanidad: «Un arte que ni se ve ni se escucha». **Re-visiones**. Madrid, v. 8, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://redib.org/Record/oai_articulo1831773-el-comparte-zapatista-por-la-humanidad-%C2%ABun-arte-que-ni-se-ve-ni-se-escucha%C2%BB>. Acesso em: 13 jan. 2020.

MASCARO, L. D. M. **O papel da literatura na promoção e efetivação dos Direitos Humanos**. 2011. 215 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MBAYA, E. R. Gênese, evolução e universalidade dos direitos humanos frente à diversidade de culturas. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 11, p. 17-41, 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8993/10545>>. Acesso em: 8 mai. 2014.

MONTEMAYOR, C. **Chiapas, la rebelión indígena de México**. Ciudad de México: Randon House Mondadori, 2009.

NASCIMENTO, C. G. Guerreiros Zapatistas: Velho Antonio e Don Durito. **Revista Eletrônica da Anphlac**. São Paulo, v. 3, n. 3, p. 50-65, 2003. Disponível em: <<https://revista.anphlac.org/anphlac/article/view/1350/1221>>. Acesso em: 29 out. 2018.

NASCIMENTO, P. S.; MARTINS, A. R. M. Mulheres indígenas em movimentos sociais: novas práticas e desafios a partir da experiência das mulheres indígenas zapatistas. **Somanlu**. Manaus, n. 2, p. 261-274, 2012. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/451/282>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. In: BRASIL. **Direitos humanos: atos internacionais e normas correlatas**. 4. ed. Brasília: Senado Federal, 2013. p. 21-23. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508144/000992124.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **México es uno de los países más peligrosos para los defensores de los derechos humanos**. México, 2018. Disponível em: <<https://news.un.org/es/story/2018/03/1428221>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

OROZCO LÓPEZ, E. **Lucha, resistencia y educación**. Una experiencia organizativa del pueblo tsotsil en el sureste mexicano. Tuxtla Gutiérrez: Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas. Ciudad de México: Itaca, 2017.

PALLEIRO GONZÁLEZ, L. **Literatura y revolución en Chiapas**. Estudios sobre los relatos del Subcomandante Marcos. 2018. 48 f. Tesis (Grado en Español: Estudios Lingüísticos y Literarios) – Facultad de Filología, Universidad da Coruña.

PEREIRA, C. M.; CAVALCANTI, L. M. D. **Interfaces**. Guarapuava, v. 10, n. 4, p. 65-74, 2019. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/viewFile/6020/4373>. Acesso em: 18 mai. 2020.

PIRES, P. A. B. F.; MENON, M. C. O ensino de literatura no âmbito dos direitos humanos: uma perspectiva. **Revista Polyphonia**. Goiânia, v. 26, n. 1, p. 39-51, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/37976/19085>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

SANTOS, B. S. Direitos Humanos: o desafio da interculturalidade. **Direitos Humanos**. Brasília, DF, n. 2, p. 10-18, 2009. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/81695/1/Direitos%20humanos_o%20desafio%20da%20interculturalidade.pdf>. Acesso: 25 jul. 2016.

SANTOS, J. S. **O Movimento Zapatista e a educação**: direitos humanos, igualdade e diferença. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHNEIDER, P. H. **Literatura, direitos humanos e educação literária**: uma análise da teoria de Antonio Candido sobre a função da literatura. 2017. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SERRATO SÁNCHEZ, G. M. G. **La construcción de personajes**: el Subcomandante Marcos y la prensa en México 1994 a 1995. 2013. 451 f. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Comunicación) – Universidad Autónoma de Barcelona.

SERVÍN, F. C. Colocan a México como el 4º país más peligroso para defensores de DH. 2020. **La Jornada**. Ciudad de México, 12 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.jornada.com.mx/ultimas/sociedad/2020/02/12/colocan-a-mexico-como-el-4deg-pais-mas-peligroso-para-defensores-de-dh-6822.html>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SILVA, C. R. **Educação em movimentos sociais**: princípios educativos comuns ao Movimento Zapatista e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Marília, 2019. 410 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

SILVA, C. R. ZAD de Notre-Dame-des-Landes: uma história de auto-organização, autoeducação, autogestão e de resistência popular. **Espaço Acadêmico**. Maringá, Ano XVIII, n. 205, p. 127-130, jun., 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42613/751375137864>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SILVA, C. R.; DAL RI, N. M. Princípios educativos comuns e transcendentais em movimentos sociais de trabalhadores: owenistas, cartistas britânicos e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **e-Curriculum**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 699-725, abr./jun., 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i2p699-725>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SOLANO, X. L. De las cañadas a Europa: niveles, actores y discursos del nuevomovimiento zapatista (NMZ) (1994-1997). **Desacatos**. Ciudad de México, n. 1, p. 56–87, 2014. Disponível em: <<https://desacatos.ciesas.edu.mx/index.php/Desacatos/article/view/1274>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SOUZA, D. S. et al. Redes de solidariedade e interseccionalidades na literatura e gênero. **Olho D'água**. São José do Rio Preto, v. 12, p. 209-220, 2020. Disponível em: <<https://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/709/591>>. Acesso em: 4 jan. 2021.

TEIXEIRA, L. R. **Literatura e política, por uma leitura dos textos do Exército Zapatista de Libertação Nacional**. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina.

VELASCO-YÁÑEZ, D. Derechos humanos y la 6º Declaración Zapatista. **Xipe Totek**. Tlaquepaque, n. 55, p. 264-296, 2005. Disponível em: <<http://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/2818944>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

VIEIRA, R. L. Desafios dos direitos humanos no sistema-mundo capitalista. **RIDH**. Bauru, v. 8, n. 2, p. 203-215, 2020. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/839/408>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

VILLORO, L.; NAVARRO, F. Prólogo. La Escuelita de la Libertad. In: EZLN. **La fuerza del silencio 21-12-12** – El EZLN anuncia pasos siguientes. Ciudad de México: EÓN, 2013. p. 7-18.

VITALI, M. A. Como falam os indígenas? Produção de documentos e vozes discursivasno movimento social mexicano neozapatista. **Dimensões**. Vitória, v. 35, p. 443-469, jul./dez., 2015. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/12508/8707>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

Submetido em: 04/01/2021

Aceito em: 09/06/2021